



INSTITUTO NACIONAL DE ESTATÍSTICA
PORTUGAL

do INE

DESTAQUE

Informação à
Comunicação Social

12 de Agosto de 2002

ESTATÍSTICAS DO EMPREGO

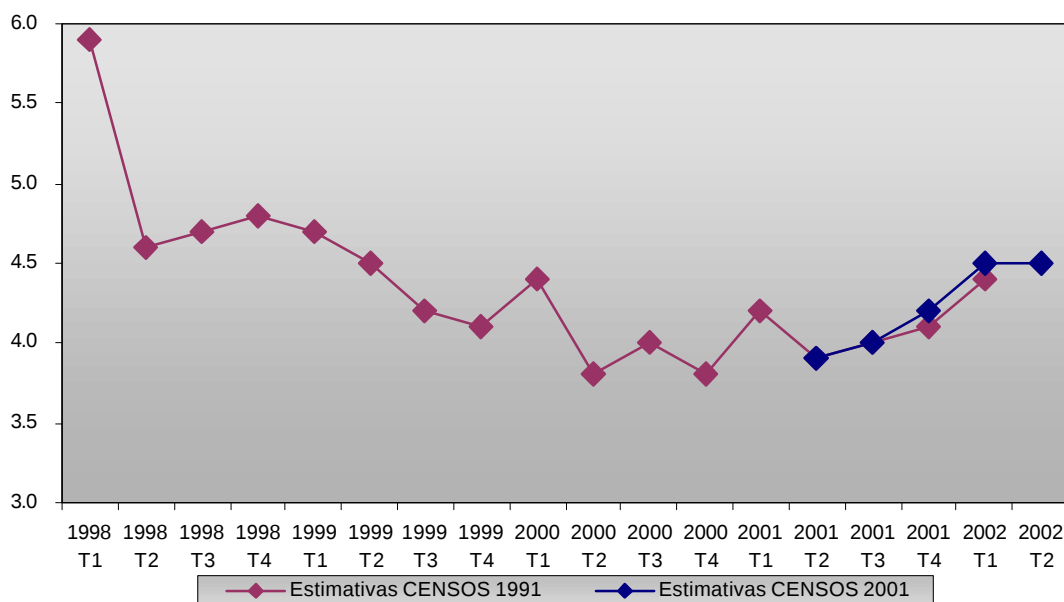
2º Trimestre de 2002

A partir dos resultados do Inquérito ao Emprego realizado no 2º trimestre de 2002, apura-se uma taxa de desemprego de **4,5%**, valor semelhante ao obtido para o trimestre anterior. Comparando com o trimestre homólogo de 2001, a actual taxa representa um aumento de 0,6 pontos percentuais (*).

A taxa de actividade apurada neste trimestre é de 51,8%, o que representa um acréscimo de 0,1 pontos percentuais face ao trimestre anterior e 0,4 pontos percentuais face ao trimestre homólogo.

Evolução da taxa de desemprego

Unidade: (%)



(*) Neste trimestre, inicia-se a divulgação dos resultados do inquérito tendo por referência as estimativas da população calculadas a partir dos Censos 2001, tendo sido reconstruída a série retrospectiva desde o 2º trimestre de 2001.

Principais indicadores

	2001			2002	
	2º T	3º T	4º T	1º T	2º T
Taxa de actividade (%)	51.4	51.6	51.7	51.7	51.8
Homens	57.9	58.3	58.2	58.3	58.3
Mulheres	45.3	45.3	45.6	45.5	45.8
Taxa de desemprego (%)	3.9	4.0	4.2	4.5	4.5
Homens	3.0	3.4	3.4	3.8	3.8
Mulheres	5.0	4.8	5.0	5.3	5.3
População total (1000) (a)	10 294.7	10 316.0	10 333.2	10 346.9	10 368.4
População activa (1000)	5 294.2	5 319.1	5 341.0	5 344.9	5 375.7
População empregada (1000)	5 087.6	5 105.9	5 119.2	5 106.6	5 132.7
Agricultura	665.5	651.3	634.7	623.6	640.0
Indústria	1 707.6	1 746.8	1 736.1	1 725.7	1 727.0
Serviços	2 714.5	2 707.9	2 748.4	2 757.2	2 765.7
População desempregada (1000)	206.6	213.2	221.8	238.4	243.0
Procura de 1º emprego	31.2	37.1	44.1	37.6	31.2
Procura de novo emprego	175.4	176.1	177.6	200.7	211.8
Inactivos disponíveis (1000) (b)	69.6	71.2	83.0	84.0	75.1
Inactivos desencorajados (1000) (c)	22.9	19.6	25.5	27.4	26.4
Subemprego visível (1000) (d)	41.6	38.4	40.1	46.6	44.1

(a) Estimativas calculadas com base nos Censos 2001.

(b) Inactivos que pretendem trabalhar e estão disponíveis, mas não fizeram diligências nas últimas 4 semanas.

(c) Inactivos que, estando disponíveis para trabalhar, procuraram emprego há mais de 4 semanas ou nunca procuraram, com os seguintes motivos para o desencorajamento: não ter idade apropriada; não ter instrução suficiente; não saber como procurar; não valer a pena procurar; não haver empregos disponíveis.

(d) Empregados com duração habitual de trabalho inferior à duração normal do posto de trabalho, que declaram pretender trabalhar mais horas.

A evolução positiva da população activa é sobretudo visível na comparação homóloga, cuja variação é de +1,5%; em termos trimestrais a variação é de +0,6%.

A população empregada cresce 0,9% face ao período homólogo e 0,5% face ao trimestre anterior. Na distribuição por idade, destaque-se a variação positiva, relativamente aos dois períodos em análise, dos grupos 25-34 anos e 45 e mais anos.

Os “Serviços” continuam a ser o sector de actividade que mais fortemente contribui para o aumento da população empregada (+1,9% de variação homóloga e +0,3% de variação trimestral). A “Indústria, Construção, Energia e Água” apresenta igualmente variações positivas: +1,1% (homóloga) e +0,1% (trimestral). É de salientar o aumento acentuado na Construção, actividade que regista uma variação homóloga de +7,9%.

A “Agricultura, Silvicultura e Pesca” revela neste período uma evolução heterogénea, decrescendo na comparação homóloga (-3,8%) e crescendo face ao 1º trimestre de 2002 (+2,6%).

Índice de volume de trabalho⁽¹⁾ (1º Trim. 1998 : 100)

	1ºT1998	2ºT2001	1ºT2002	2ºT2002	Variação (%)	
					2ºT2002/2ºT2001	2ºT2002/1ºT2002
Total	100,0	102,9	102,9	103,8	0,9	0,8
Agricultura	100,0	92,3	84,0	88,8	-3,8	5,7
Indústria	100,0	99,4	100,1	100,3	0,9	0,2
Serviços	100,0	108,0	109,8	110,2	2,0	0,3

Para o cálculo do índice de volume de trabalho considerou-se o número de horas habitualmente trabalhadas, por sector de actividade económica, tomando por base o 1º trimestre de 1998.

Genericamente, o índice de volume de trabalho evolui positivamente, quer na comparação homóloga (+0,9%), quer na comparação com o trimestre anterior (+0,8%)

No 1º caso, destaca-se o aumento dos “Serviços” (+2,0%) e, no 2º caso, a “Agricultura” (+5,7%).

Por situação na profissão, note-se que a categoria “Trabalhador por conta própria como isolado”, embora mantendo a tendência crescente relativamente ao trimestre anterior (+2,1%), apresenta um valor negativo na variação homóloga (-0,2%). As categorias “Trabalhador por conta de outrem” e “Trabalhador por conta própria como empregador” revelam comportamentos semelhantes, com um crescimento mais acentuado face ao período homólogo do ano anterior (1,5% e 1,0%, respectivamente), mantendo a tendência do trimestre anterior (variação positiva de 0,2% em ambos os casos).

Os contratos com termo mantêm a tendência crescente (+9,9% em termos homólogos e +2,2% em termos trimestrais). Contrariamente, os contratos sem termo registam uma descida na comparação homóloga de 0,8% e uma descida na comparação trimestral de 0,2%. Estas situação afectam, especialmente, os homens.

No presente trimestre, o desemprego atinge 243 mil indivíduos, o que se traduz numa variação homóloga de +17,6% e numa variação trimestral de +1,9%. O crescimento do desemprego resulta exclusivamente do aumento do número de indivíduos à procura de novo emprego (+20,8% de variação homóloga e +5,5% de variação trimestral); na comparação com o mesmo período do ano anterior, o número de desempregados à procura de um primeiro emprego mantém-se, diminuindo relativamente ao trimestre anterior (-17,0%).

⁽¹⁾ O Índice de Volume de Trabalho é um indicador da evolução do Emprego transformado no equivalente em tempo completo traduzido na duração habitual padrão.
É determinado tendo em conta o número de efectivos normalizado a esta duração habitual padrão do respectivo sector de actividade.

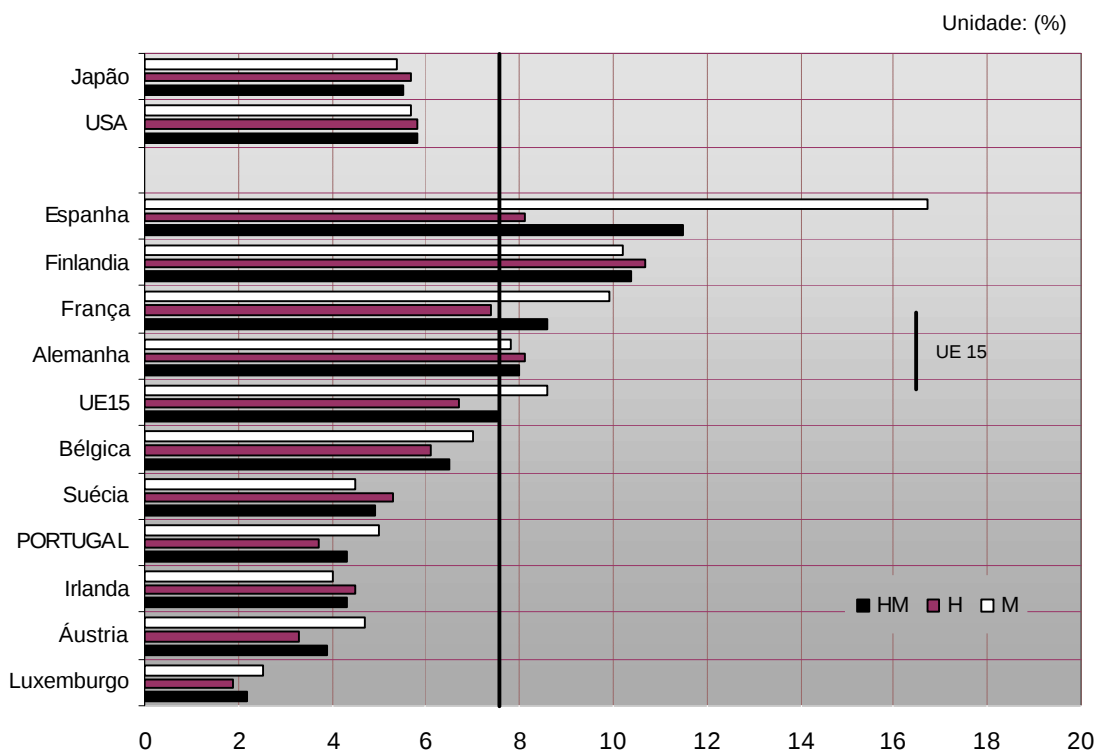
Se atendermos à distribuição por grupos etários, verifica-se que, em termos homólogos, o desemprego aumenta de forma generalizada, enquanto que na comparação trimestral o desemprego cresce apenas no grupo dos 35 aos 44 anos (+15,8%). Tal comportamento está em sintonia com a incidência deste fenómeno nos indivíduos com experiência anterior de trabalho.

Na análise da taxa de desemprego por região de residência NUTS II, “Lisboa e Vale do Tejo” e o “Algarve” distinguem-se como as regiões com maior aumento entre os dois períodos homólogos em análise (mais 1,1 pontos percentuais no caso de “Lisboa e Vale do Tejo” e mais 1 ponto percentual no “Algarve”); “Lisboa e Vale do Tejo” passa, assim, a ser a região com a maior taxa de desemprego do país 6,2%.

As regiões autónomas registam as mais baixas taxas, 2,2% e 2,3% para “Açores” e “Madeira”, respectivamente.

A título comparativo, apresenta-se um gráfico correspondente às taxas de desemprego, estimadas pelo Eurostat para o 2º trimestre de 2002. Como se pode observar, Portugal integra, juntamente com o Luxemburgo, Áustria e Irlanda, o grupo de países que menores taxas de desemprego apresenta no conjunto da União Europeia.

Taxas de desemprego na União Europeia
(2º Trimestre 2002)



Fonte: Eurostat